



INTERFACES ENTRE ECOLOGIA E MORALIDADE: UM ENSAIO FILOSÓFICO-TEOLÓGICO *

Interfaces between ecology and morality: a philosophical-theological essay

Luis Biasoli **

Giorlando Laranjeira Barbosa ***

Resumo: Em tempos em que os sistemas humanos aceleram as esferas de descuido, de caos, faz-se necessário buscar novos princípios que fundamentem as bases essenciais da existência e das relações humanas. Nesse viés, a reflexão sobre o caminho da pessoa que busca entender-se como ser de Cuidado torna-se cada vez mais urgente, haja vista que pode promover uma compreensão profunda sobre as próprias atitudes e ações em relação ao todo da vida existente. Dessa forma, toda ação humana para ser boa deve adotar os princípios de Cuidado, e sua reflexão em nível de essência religiosa tem como base a narrativa da Criação na busca de encontrar fundamentos para uma ética necessária e essencial, e que seja norma de conduta responsável, visto que só pela moral do Cuidado com a terra a pessoa manifesta a sua realidade e assume o seu ser em imagem e semelhança ao Criador.

Palavras-chave: Religião. Bioética. Comportamento. Criação. Cuidado.

Abstract: In times when human systems accelerate the spheres of carelessness, chaos, it is necessary to seek new principles that underlie the essential bases of human existence and relationships. In this bias, reflection on the path of the person who seeks to understand themselves as a being of care becomes increasingly urgent, given that it can promote a deep understanding of their own

* Artigo recebido em 15/10/2021 e aprovado para publicação em 03/02/2022.

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — RS (2011); professor de Bioética da Faculdade Fátima e da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

*** Doutorando em Teologia nas Faculdades EST - RS, CAPES.

attitudes and actions in relation to the whole of existing life. In this way, every human action to be good must adopt as a basis the principles of Care, and its reflection at the level of religious essence is based on the narrative of Creation in the search to find foundations for a necessary and essential ethics, that it be a norm of responsible conduct, since only through the morality of Caring for the earth does a person manifest his/her reality and assume his/her being in image and likeness to the Creator.

Keywords: Religion. Bioethics. Behavior. Creation. Care.

Considerações iniciais: O ser que busca fazer

Os humanos são “operadores” sempre em vias de extrair de uma realidade, aparentemente sem forma, a forma; sempre em vias de produzir a partir de sons dissonantes uma bela música; de pequenas e misturadas letras, uma bela frase. E na natureza, pelo desejo de transformar, operar construção ou destruição, ser agente do Cuidado ou do descuido. Nessa lógica, o ser humano pode transformar, pelo trabalho, a realidade externa, ornamentando-a a partir das formas pré-existentes em sua racionalidade, tendo como modelo a fértil imaginação, necessidade ou intuição, como um artista que transforma barro informe em bela “peça” artística. Nessa perspectiva, é na intervenção do curso natural do sistema vivo que a pessoa se torna ser do fazer, na produção de instrumentos que auxiliam na mudança e na modelagem de realidades, na tentativa de distanciar-se da condição de animalidade sensitiva, adquirindo, pelo exercício da razão, o senhorio sobre a natureza.¹

No entanto, esse autorreconhecimento e essa evolução do humano sobre suas capacidades provocaram mudanças na sua relação consigo, com os outros e com a natureza de forma “quantitativa” e “qualitativa”.² Assim, ao coroar como deusa e rainha a técnica, ativou-se um processo de caos ameaçador de toda a existência integral do planeta Terra, um processo tirano e ameaçador absoluto da natureza, na crença da feliz prosperidade.³ Pelo domínio da técnica, fixou-se uma “consciência de poder” que esvaziou a “consciência de dever” em relação ao ecológico, configurando um novo modo de viver, extrativista, em relação ao todo criado e aos seus semelhantes.⁴

¹ ZILLES, U. *Teoria do Conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 23.

² MONDIN, B. *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1980, p. 199.

³ NOGARE, P. D. *Humanismos e anti-Humanismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 227.

⁴ MOSER, A. *O problema ecológico e suas implicações*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 23.

Nesse viés, a sedução aos sistemas selvagens e às ideologias destruidoras da vida na Terra indica a agoniada busca por “bem-estar” isolado a todo custo. Tais ideologias permeadas de incentivo ao consumismo geram consumidores desatentos e alienados à sua própria ação destrutiva ao introjetar acriticamente a crença de uma promessa ilusória de “paraíso” que esse sistema propõe: “abundância de consumo”, “superabundância de produção” e “progresso técnico”. Desse modo, lança-se à sorte a sobrevivência dos mais fortes e encaminha-se à condenação de sacrifício os mais frágeis.⁵

Portanto, o consumismo forjado pelo sistema de depredação oferece ao sentimento uma sensação de poder para quem possui acesso aos seus benefícios; e o sentimento de incompetência e inutilidade àqueles privados da dignidade de vida por ausência de acesso aos bens forjados e a suas qualidades selecionadas na forma de cordialidade manipuladora. Esse esquema confere selvageria às relações humano-ecológicas e fragmentação de valores, e transforma a existência em mercadoria para consumo no ajuste das consciências às lógicas da satisfação pelo ter, negligenciando e sufocando os estados de ser, escorados na seguinte máxima: “Guarda-te de pensar que tens tudo o que possuis e de viver de acordo com isto.”⁶

Nesse sentido, um ideologismo selvagem amarra a terra, explora e a viola em sua dignidade, porque já antes violou e explorou a dignidade de cada ser humano, massificando-os, não os reconhecendo como ser, mas como números objetificados, caracterizados pelo ter. Essas proposições de fundamentalismos econômicos extraíram e extraem do sistema ecológico os mais variados recursos humanos e naturais sem responsabilidade para com as gerações futuras, ativando o desejo de consumo em sequencial constância.

Desse modo, os frutos do engenho do sistema selvagem e predatório pregam, em nome do lucro, o “culto ao supérfluo e à ostentação”, além de conduzir à fragmentação e atrofia da evolução integral da pessoa humana, primando pela manutenção de vontades e luta pelo topo da hierarquia do bem-estar, de forma individualista, e pela busca por realização imediata.⁷ Essa estruturação pragmática percebe o ecológico com utilitarismo e mede o valor pelo que produz e funciona. Assim, vale esta ideia: “Não interessa a cor que tenha o gato (ideologia) desde que cace rato (utilitarismo).”⁸

Nessa lógica manifesta-se a moral do “vale tudo”: sacrificar as vidas futuras em sua qualidade; sacrificar o planeta Terra para obter lucro; matar ao invés de promover a vida; destruir ao invés de proteger. Dessa forma,

⁵ GALVÃO, A. M. *A crise da Ética*. O neoliberalismo como causa da exclusão social. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 49.

⁶ WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 38.

⁷ GALVÃO, *A crise da Ética*, p. 48-49.

⁸ *Ibid.*, p. 56.

quem não cede, ou quem vive à margem dos sistemas que depredam e excluem pessoas das necessidades básicas, faz a constante experiência da indiferença, pois a tendência à desumanização entende que, mesmo que se destrua o que existe, “o que vale é vencer”, ainda que a vitória seja uma ilusão e tenha como consequência a destruição do outro, contanto que ofereça a possibilidade de “produzir cada vez mais.”⁹

Essa “filosofia da avareza”, que se formalizou como moral de sucesso, desencadeou um contínuo processo de infecção global, influenciando o pensar de cada humano. Além disso, ela constitui-se como ideal para o reconhecimento de uma pessoa que possui o valor da honestidade e que, por ela, pretende construir suas riquezas na forma empreendedora, observando a si mesmo como fim. Essa visão financeira se torna um *ethos*, uma condição de pensamento que fundamenta e rege ações.¹⁰

Encontramo-nos, portanto, dentro de contextos de consumo, com um planeta consumido, com uma sociedade que se deixou tocar e aprisionar no fundo da caverna, insistindo em rituais de consumo que submergem os seres viventes no “espírito do capitalismo”, incentivando a neurótica busca por ganho e lucro.¹¹ Nesse cenário, observamos que a vida moral do ser humano está inclinada ao que há de mais cruel pela pressão do sistema polarizado pelo lucro, o que revela o caráter da pessoa desgastado, estagnado, corroído.

Uma personagem chamada Rico, citado por Richard Sennett em *A Corrosão do Caráter*, expressa seu temor diante do capitalismo reconhecendo que ele abala a qualidade de vida: “ele temia que as medidas que precisava tomar e a maneira como tinha de viver para sobreviver na economia moderna houvesse posto sua vida emocional, interior, à deriva.”¹² Os seus temores não eram fantasias, mas reconhecimento de que o estilo de vida adotado mudou o rumo dos seus passos em direção a uma vida ética e humana.

Por tais ideias, entendemos que superar a insistente crise ecológica é um imperativo de profunda emergência em tempos em que os sistemas de poder incentivam o curto prazo. Mas é preciso ressaltar que esse “capitalismo de curto prazo corrói o caráter [...] sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável.”¹³

Sabemos que os problemas ecológicos existem e que não serão superados pelo próprio sistema depredador, pois ele não solucionará os dilemas morais inseridos em tais questões, já que “é extremamente difícil; senão

⁹ ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 195.

¹⁰ WEBER, A *ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 27.

¹¹ *Ibid.*, p. 34.

¹² SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 19.

¹³ *Ibid.*, p. 27.

impossível uma economia capitalista resolver esses problemas, por que aqueles que acumulam os lucros da produção não pagam por esses custos sociais, e aqueles que pagam os custos têm pouca ou nenhuma voz ativa na condução dos negócios”.¹⁴

De forma sutil, observamos que está em curso a destruição dos valores humanos mais profundos, que se mostram instáveis, inseguros, beirando o perigo do risco da autodestruição e da destruição dos outros humanos, dos seres vivos e do planeta Terra, e “talvez a corrosão de caráter seja uma consequência inevitável. A máxima: ‘Não há mais longo prazo’ desorienta a ação a longo prazo, afasta os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento”.¹⁵

Por isso, as lutas por transformação devem ser empreendidas por pequenos grupos, pelos pobres e oprimidos, pelos marginalizados e por todas as pessoas que adquirem consciência de ser pessoa em relação ao todo. É possível que esses pequenos e conscientes grupos possam construir e influenciar cada vez mais as mudanças em longo prazo. Assim, o “cuidado dos ecossistemas requer uma perspectiva que se estenda para além do imediato, porque, quando se busca apenas um ganho econômico rápido e fácil, já ninguém se importa realmente com a sua preservação.”¹⁶ Isso significa que a reconstrução do caráter de cada ser humano se põe como tarefa, pois somos responsáveis por cuidar do planeta doente, mas para isso precisamos cuidar de quem adoeceu e contaminou a Terra. Ou seja, cada ser vivente é responsável pelo desenvolvimento de uma atitude ética capaz de converter, valorizar a vida, a essência do humano, e reconstruir o seu caráter corroído.

No tocante à relação humana com toda a Terra, observamos que se destacam os descuidos como “princípio de autodestruição.”¹⁷ No entanto, para perceber o desenvolvimento de sinais de consciência das ameaças que rondam o “equilíbrio ecológico”¹⁸, gerados pelo “antropoceno” e por suas insistentes ações¹⁹, torna-se “indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas.”²⁰

¹⁴ HUNT, E. K.; SHERMAN, H. J. *História do pensamento econômico*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 216.

¹⁵ SENNETT, *A corrosão do caráter*, p. 33.

¹⁶ CARTA Encíclica do Sumo Pontífice Francisco. *Laudato Si' Louvado Sejas: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2015, p. 28 [n. 36]. Daqui em diante, referenciada como LS.

¹⁷ BOFF, L. *Saber Cuidar: ética do humano — compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 20.

¹⁸ CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Ética: pessoa e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2004 [Doc. 50], p. 26.

¹⁹ CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2011: texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2010, p. 23.

²⁰ LS. p. 37 [n. 53].

1. A urgência de reiniciar a reflexão sobre o Cuidado

Para salvaguardar e reconstruir a unidade perdida, precisamos identificar em cada pessoa a “ética fundamental” manifesta na linguagem do Cuidado como “código” facilitador de identificação e acesso aos valores que desenvolvem a consciência de bem comum e responsabilidade em cada humano que vive sufocado pela compulsão ao domínio, consumo e lucro, provocando mudanças e melhorias profundas em vista do cuidar.²¹ Isso porque a ética fundamental, princípio de Cuidado, favorece o bem viver consigo e com o próximo, o que inclui todos os seres vivos e a natureza mineral, vegetal, animal e humana, com seu sistema-vida continuando a existência da vida em codependência com toda a existência na/da Terra.²² Portanto, o Cuidado torna-se princípio urgente e “primário” a ser manifestado para com o planeta Terra e seus viventes²³, especialmente com a “mãe terra”, esbulhada violentamente por humanos entorpecidos pelo desejo dionisíaco do desfrute egoísta dos bens naturais, agredindo a si próprios e aqueles que coabitam na estrutura planetária Terra.²⁴

Observamos que a crise da degradação ecológica grita por um amadurecimento que eleve a consciência de sustentabilidade, culminando na reeducação dos comportamentos de descuido que atingem a pessoa, sua transcendência e todo o sistema²⁵ “civilizacional”. Dessa forma, é urgente o fomento a um novo paradigma de convivialidade capaz de bloquear²⁶ tendências e solidificações de descuido que fragmentam e enfraquecem atitudes profundas que, por efeito negativo, geram a corrosão do que deve ser visto como “bem comum”.²⁷ Nesse cenário, os problemas ecológicos agravam-se escancaradamente e com alta velocidade de descuido, negligenciando o conteúdo ecológico como formador de paz. Assim, acreditamos que a violência ao conteúdo da existência é manifestação de agressividade e negação de valores, impiedade e brutalidade para com o todo vivo.²⁸

Precisamos incluir no debate e na formação de consciência as religiões, pois elas podem oferecer uma espiritualidade integradora que une e colabora enquanto alternativa difusora de um “novo paradigma civilizatório.”²⁹ Além disso, devemos observar as razões desatentas que negam a presença simbólica da religião e desembocam em um “realismo materialista” reducionista que neblina a possibilidade de transcendência no humano,

²¹ LS. p. 11 [n. 05].

²² BOFF, *Saber Cuidar: ética do humano — compaixão pela terra*, p. 12.

²³ *Ibid.*, p. 12-13.

²⁴ *Ibid.*, p. 14.

²⁵ LS. p. 48 [n. 70].

²⁶ BOFF, *Saber Cuidar: ética do humano — compaixão pela terra*, p. 17.

²⁷ *Ibid.*, p. 18-19.

²⁸ *Ibid.*, p. 20.

²⁹ *Ibid.*, p. 21.

encerrando-o no aqui e agora, uma vez que sem a transcendência a pessoa se torna devoradora violenta do espaço ao qual tem acesso e não aceita responsabilizar-se pelas futuras gerações, negando a espera como um valor.³⁰

Considerando esse cenário, as visões religiosas podem ser integradas em vista da proteção do bem comum, em sua integralidade ecológica, haja vista que elas não se constituem por uma só via, e não há possibilidade de curar as dores e feridas abertas sem uma interação e sem o reconhecimento de que o isolamento é insuficiente para a edificação de novas bases de Cuidado para com toda a biodiversidade.³¹ Nessa perspectiva, essa visão é “holística, ecológica e espiritual”, que é capaz de superar o longo e marcado período de desconexão com o todo, que gerou vazios existenciais e desvalorização do “sentimento pelo sagrado”, no isolamento da pessoa humana do todo como que independente do contexto vida na Terra.³²

Assim, a Bioética ecológica fundamentada pelo “novo *ethos*”, novo caráter, não se apoia em teorias abstracionistas, mas na relação de uma práxis, “da natureza mais profunda do humano”³³, que promove a gestação e o nascimento de uma “nova ética” radicalmente oposta ao descuido e às suas devastadoras “teias”.³⁴

2. O *ethos* de Cuidado da pessoa humana

O Cuidado é o *ethos* do humano capaz de se opor ao descuido, transcendendo ao status de “ato” para repousar num sentido de “atitude”, um modo de ser, no sentido de envolver-se com responsabilidade e preocupação com o outro. A ética do Cuidado é constitutiva e reveladora da pessoa humana e potencial possibilidade em seu vir a ser,³⁵ interconectada com o todo vivo³⁶ e participante no “teatro cósmico”, “única família humana”³⁷, desenvolvendo o sentimento de pertença e reconhecimento do ser terra e Cuidado para com tudo o que existe. Assim, ser terra é sentir, é adquirir a consciência de habitantes do espaço e reconhecedores do *contexto tempo* que torna as pessoas humanas.

Sentir que somos terra nos faz ter os pés no chão. Faz-nos desenvolver nova sensibilidade para com a terra, seu frio e calor, sua força [...] ameaçadora [...] encantadora. É sentir a chuva na pele, a brisa refrescante, o tufão avassalador

³⁰ *Ibid.*, p. 23.

³¹ *Ibid.*, p. 21-22.

³² *Ibid.*, p. 24.

³³ *Ibid.*, p. 27.

³⁴ *Ibid.*, p. 28.

³⁵ *Ibid.*, p. 33-35.

³⁶ *Ibid.*, p. 73-74.

³⁷ LS. p. 36 [n. 52].

em todo o corpo [...] é sentir a espiração até as entranhas, os odores que nos embriagam ou nos enfastiam [...] é sentir seus nichos ecológicos, captar o espírito de cada lugar, inserir-se num determinado local onde se habita. Habitando nos fazemos [...] prisioneiros de um lugar, de uma geografia [...] uma maneira de morar e de trabalhar e de fazer história. Ser terra é ser concreto [...] significa a nossa base firme, nosso ponto de contemplação do todo [...] plataforma para poder alçar vôo para além desta paisagem e deste pedaço de terra.³⁸

Notamos que o patriarcalismo tem grande responsabilidade no acelerado processo de fragmentação, por rejeitar as contribuições derivadas da cultura matriarcal ao polarizar o masculino e o feminino compostos na vida do ser humano. Mas os limites dessa visão esbarraram num extremo racionalismo positivista, que se tornou transparente na imoralidade para com o planeta.³⁹ Nesse viés, o Cuidado é presença, companhia e, ao mesmo tempo, “caminho histórico-utópico da síntese possível à nossa finitude; é o *ethos* fundamental, a chave decifradora do humano e suas virtualidades.”⁴⁰

3. Uma leitura da narrativa da Criação pela ética do Cuidado

Voltamos, então, nosso olhar à narrativa da Criação, em sua dimensão religiosa, para extrair contribuições à Bioética e sua relação com a ecologia, compreendendo a pessoa como responsável por cuidar do complexo de vidas criadas. Aqui, reinterpretemos as tendências que inclinam os humanos ao domínio, destacando o chamado ao Cuidado como responsabilidade de todo indivíduo. Começemos observando o fragmento abaixo:

No tempo em que [...] Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, por que [...] Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. Entretanto, um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo. Então [...] Deus modelou o homem com a argila do solo e insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem tornou um ser vivente. [...] Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara [...] fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía do Éden para regar o jardim e lá se dividiam formando quatro braços [...] Deus tomou o homem e o colocou no jardim de éden para o cultivar e o guardar. [...] Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens [...] O

³⁸ BOFF, *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*, p. 76-77.

³⁹ *Ibid.*, p. 81.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 83.

homem deu nomes a todos os animais [...] para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Então [...] fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e [...] modelou uma mulher (Gn 2, 4b-23).

É necessário superar a tentação de uma interpretação que justifique e fomente atitudes de “superioridade” para com a vida na Terra de forma agressiva e arbitrária, demonstração de descuido e de irresponsabilidade, pois “crescemos pensando que éramos seus proprietários.”⁴¹ Sob essa ótica, na constante e necessária releitura do livro de Gênesis 1-2, é possível observar contornos de uma finalidade em relação ao que se espera da pessoa humana e seu ser presença na Terra, tendo em vista uma compreensão que favoreça a relação dos humanos com toda a biodiversidade, enquanto responsável que cultiva toda a natureza presente. Logo, qualquer hermenêutica que favoreça a selvageria e a exploração dominadora não é boa, uma vez que incentiva a imoralidade.⁴²

Considerando a finalidade da Criação, devemos ressaltar que a raça humana foi criada por último (Gn 2, 23). Tal visão resplandece nas mais rápidas interpretações, desde o momento em que se compreende a pessoa humana como ápice e finalidade da Criação, o “topo da pirâmide cósmica”⁴³, e se fundamenta o risco de uma compreensão que justifique as atrocidades cometidas em nível de exploração ao sistema ecológico e a todo o seu conteúdo. Devemos abandonar a análise pela ótica da superioridade, substituindo-a pelo valor intrínseco em cada criatura.⁴⁴

Na narrativa da Criação, observamos que o último ato, o ponto alto, o “coração” da Criação, é o *shabbat*, o sábado, o dia do descanso, quando a criação chega à sua plenitude, quando “Deus repousou toda Obra da criação” (Gn 2, 3). É, portanto, em seu repouso que Deus se revela. Desse modo, o Criador repousa e abençoa esse dia, o *shabbat*, dia de glória e da unidade. É nesse sétimo dia que se contempla o todo da obra, cada uma das maravilhas criadas e abençoadas (Gn 2,4). O descanso manifesta um apelo à dignificação das vidas, postas em destaque pelo “não fazer-nada do Criador”,⁴⁵ pois é dia santificado por Deus e dia de santificação da humanidade (Ex 20, 8-11); dia de autorrevelação, dia que se transforma em “festa sem fim.”⁴⁶ O sábado, ápice e coração da Criação, indica o dia

⁴¹ LS. p. 9 [n. 02].

⁴² *Ibid.*, p. 46 [n. 67].

⁴³ OPORTO, S. G.; GARCIA, M. S. *Comentário ao Antigo Testamento I*. São Paulo: Ave Maria, 2002, p. 40.

⁴⁴ PRIMAVESI, A. *Do Apocalipse ao Gênesis: ecologia, feminismo e cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 304.

⁴⁵ REIMER, I. R. “Criação e Bíblia”. In: BEOZZO, J. O. et al. (Org.). *Curso de verão — Ano XX: Ecologia: Cuidar da vida e da integridade da criação*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 115-150, [125].

⁴⁶ SILVA, M. F. da. *Trindade, criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 215.

do “ócio” sagrado, pausa do “labor” para o descanso. A partir desse dado, percebemos que a pessoa não é só “fazer”, “produzir”, mas descanso e contemplação. O labor não é a essência da existência, mas a necessidade para reelaborar e garantir sobrevivência digna.

Portanto, a pessoa humana é aquela que cuida ordenada e harmoniosamente dos bens da natureza, tendo em vista o dia de glória e contemplação. É aquela capaz de garantir a “sobrevivência e preservação de toda a criação”⁴⁷ e, mediante a sua responsabilidade e serviço, manifestar o seu ser “imagem e semelhança” do Criador (Gn 1,26) no Cuidado para com o todo criado.⁴⁸ Em síntese, pelo símbolo do *shabbat* o humano tem a missão de proteger a vida, ou seja, parar, pensar, descansar, contemplar o criado, avaliar e retomar o projeto de justiça e solidariedade revelado, favorecendo a vida digna no espaço Terra, “onde não se vive para trabalhar, mas se trabalha para viver.”⁴⁹

Nesse viés, considerando o ser imagem e semelhança, notamos que o serviço humano e sua ética em relação aos bens da Criação se dão exclusivamente pelo Cuidado responsável, bem como na sua disposição para administrar honestamente os bens, visando à harmonia com o todo existente.⁵⁰ Por conseguinte, cada pessoa torna-se, mediante a sua responsabilidade, “símbolo” do Deus Amor⁵¹, que colabora e reivindica a preservação do ambiente a exemplo do “domínio de Deus”⁵², que não inclui nem significa “matar e abater”⁵³, visto que toda a Criação está para ser cuidada por aquela pessoa que é “imagem e semelhança” do Seu Criador, chamada à atitude de serviço e zelo às diversas manifestações de vida dignificada na Criação, quando Deus viu que tudo o que havia feito “era bom” (Gn 1, 29-31).

Assim, ser imagem e semelhança de Deus significa uma virada antropológica, pois só eram considerados como imagem e semelhança de Deus os imperadores, governantes e reis. As demais pessoas eram postas à margem dessa terminologia. Na narrativa da Criação há uma abertura que torna mais democrático esse termo, que, agora, não mais é exclusividade das autoridades de governo, mas se estende a todos os seres humanos, homens e mulheres.⁵⁴ Dessa forma, é no Cuidado que a pessoa proclama o Senhor como artista do universo e o “mais cuidadoso dos artesãos.”⁵⁵

⁴⁷ REIMER, “Criação e Bíblia”, p. 128.

⁴⁸ MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 197.

⁴⁹ GASS, I. B. “Espiritualidade e Ecologia”. In: *Estudos Bíblicos – Bíblia e Juventude*. Petrópolis: Vozes, v. 28, n. 110, abr.-jun. 2011, p. 134.

⁵⁰ BALLARINI, T. (Dir.). *Pentateuco. Introdução à Bíblia*. Vol. 1 e 2. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 99.

⁵¹ BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, 2006.

⁵² RAD, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste Itargumim, 2006, p. 144-145.

⁵³ RAD, *Teologia do Antigo Testamento* p. 145.

⁵⁴ REIMER, “Criação e Bíblia”, p. 126.

⁵⁵ OPORTO; GARCIA, *Comentário ao Antigo Testamento I*, p. 41.

Entretanto, o comportamento predatório de alguém que afirma crer em Deus manifesta a sua visão de maldade, distorção e desfiguração da obra criada, embaçando o seu ser imagem e semelhança de Deus Criador, uma vez que cuidar da natureza é um imperativo de fé.⁵⁶

Além disso, precisamos, ainda, considerar que, fundamentando-se no mandato do domínio (Gn 1, 26) no texto sagrado, o ser humano, no decorrer da história, arrogando-se da faculdade de ter recebido de Deus tal poder em absoluto, em nome da crença e/ou da ciência, buscou subjugar a vida dos demais seres vivos, colocando-a a seu serviço egoísta, arbitrário e desmedido. Por isso, urge que os seres humanos reconheçam-se como integrados à Criação e unidos a toda a biodiversidade (Gn 2, 7), haja vista que a vida humana tem, em sua gênese, proximidade com a terra e com todas as espécies vivas⁵⁷, pois sua criação nasceu da mesma matéria que os outros seres vivos, com diferença ao aspecto de seu molde com a terra, recebendo o “sopro”, hálito de vida, que a integrou em dimensões imanente e transcendente como constitutivas em sua corporeidade.⁵⁸

Em suma, a pessoa não se esgota no físico-material, pois é transcendental, espiritual e, portanto, “psicossomática”. Na dimensão somática, o corpo possui características próprias por sua semelhança de condescendência, Deus. Desse modo, a pessoa não é, principalmente, inclinada ao pecado, mas, principalmente, inclinada aos bens superiores, eternos e espirituais pela superabundância da Graça.⁵⁹ Logo, “o desperdício da Criação começa onde já não reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemos unicamente a nós mesmos.”⁶⁰

Considerações finais: O Cuidado humano é reflexo do Cuidado de Deus

A segunda narrativa da Criação apresenta um Deus que cuida, pois Ele mesmo fazia brotar da “terra uma fonte que lhe regava toda a superfície” (Gn 2, 5-6). Deus criou e deixou aos seres humanos a possibilidade de recriar a Seu exemplo por meio do “labor” do Cuidado contemplativo. Assim, a vida é o respirar no sopro do Seu Espírito Criador⁶¹, e a obra

⁵⁶ LS. p. 44 [n. 64].

⁵⁷ REIMER, “Criação e Bíblia”, p. 125.

⁵⁸ AQUINO, T. de. *Suma teológica*. Tradução Alexandre Corrêa. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980, p. 620 [Quest. LXXII Art. Único].

⁵⁹ AGOSTINHO, S. *Comentário ao Gênesis*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 527 [n. 28].

⁶⁰ LS. p. 12 [n. 06].

⁶¹ MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 197.

da Criação completa é identificada pela “obra da criação, de um lado e o Cuidado de manutenção e de salvação, com que Deus acompanha e assiste a sua criação, do outro.”⁶²

Desse modo, ser pessoa é honrar a responsabilidade que, com amor, lhe foi entregue no Jardim do Éden: “cultivar” e “guardar” (Gn, 1, 15), nomear todos os animais. Com esse ato, o ser pessoa manifesta a sua responsabilidade cuidadosa para com todas as vidas, valorizando cada espécie viva e colaborando com o todo criado.⁶³ Assim, o Éden adquire significado de lugar de bem-estar, lugar de obediência ao mandato divino de colaboração, responsabilidade e Cuidado, e a compreensão e consciência de que é assumindo a administração do criado que se poderá desfrutar responsabilmente.

Em resumo, o ser humano representa Deus na Criação, como um “jardineiro” disposto a “cultivar” as potencialidades do jardim: “guardar”, “proteger, cuidar, preservar e velar”⁶⁴ a existência de toda a biodiversidade, e reconhecer-se como modelado com o pó da terra e vivificado pelo sopro de vida (Gn 2, 7), desejoso por demonstrar, através da sua responsabilidade com a vida, “o cuidado de Deus para com a criação.”⁶⁵ Nessa perspectiva, a atividade humana não pode ser “atentado” à Criação, mas deve ser um “prolongamento”, como o próprio Criador quis, para que cada humano na “representação vicária” de Seu Criador possa levar toda a obra da Criação à sua consumação.⁶⁶

Logo, a missão concreta de cada pessoa é a de continuar a Criação, cultivando-a e protegendo-a pelo Cuidado. Nessa lógica, se as ações humanas resultarem em danos à natureza pelo mau uso das suas forças e/ou pelo abuso de poder, “sua ciência e atividade trarão maldição em vez de bênção.”⁶⁷ Destarte, o status do ser humano está no seu serviço de corresponsabilidade para com as criaturas vivas, provado na sua ação no grande jardim, cultivando e guardando-o.⁶⁸

Assim, Deus criou e ordenou a existência fora de Si⁶⁹ “porque quis.”⁷⁰ E para comunicar e manifestar a sua glória, revelação de sua bondade, cercou a Criação e o ser humano de cuidados, e, dando-lhe sempre o que é bom⁷¹, criou tudo como uma obra de arte, como o moldar do trabalho

⁶² RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 145.

⁶³ OPORTO; GARCIA, *Comentário ao Antigo Testamento I*, p. 37.

⁶⁴ LS. p. 46 [n. 67].

⁶⁵ Gn 4b-25; MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 197.

⁶⁶ PEÑA, J. L. R. La. *Criação, Graça, Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 23.

⁶⁷ OPORTO; GARCIA, *Comentário ao Antigo Testamento I*, p. 43.

⁶⁸ RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 99.

⁶⁹ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999 [n. 290].

⁷⁰ AGOSTINHO, *Comentário ao Gênesis*, p. 505 [n. 4].

⁷¹ RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 147.

de um oleiro⁷², motivado unicamente pela “superabundância de amor”.⁷³ Dessa maneira, “todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiências, vivências, narrativas, iniciativas e capacidades”⁷⁴, pois a harmonia entre o Criador e a humanidade foi destruída pela ambição de ocupar o lugar de Deus.⁷⁵ O binômio “sujeitar e dominar” é relativizado com o “cultivar e guardar” (Gn 2, 15.), expresso pelo verbo “*abad*” (cultivar), busca pela garantia da sobrevivência, e o verbo “*shamar*” (guardar), que designa a sua tarefa principal, “cuidar”.⁷⁶ Portanto, a vida humana tem como direção o trabalho e o Cuidado, e sua missão é transformar o ambiente de caos em ambiente cultural, pela responsabilidade com toda a forma de vida.⁷⁷

Nesse sentido, o cultivo do bem recebido enquanto biodiversidade se dá pelas vias do preceito “natural”, cuidar do bem dado, o que compreende toda a vida existente; e o preceito “disciplinar”, “para que seja considerado digno das promessas eternas das bênçãos de Deus que serão alcançadas pela simples obediência.”⁷⁸ Portanto, uma Bioética do Cuidado compreende que somente a libertação de todas as ideologias e sistemas, filosofias, ações e modelos de consciência destruidores da vida em todas as suas condições na Terra torna possível entender e viver em completude e profundidade o sentido do mandato: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a! Cuidai” (Gn 1, 28). Ademais, esse mandato deve ser entendido como uma forma de Deus manifestar sua confiabilidade na gestão do sistema ecológico para hoje e para as futuras gerações, tendo em vista o bem viver de toda a humanidade e a harmonia com a biodiversidade.

Em síntese, os seres humanos existem em Deus e são responsáveis, com base no Cuidado, por toda a Criação, obra da mão de Deus, repleta de sua glória (Sl 8). Por ela, cada pessoa é chamada a participar da Sua Vida pela santidade (1Pd 1, 15) com o amor e o diálogo, e a assumir a responsabilidade pela continuidade de seu Cuidado com a vida na Terra.⁷⁹ Para os cristãos⁸⁰, é um imperativo moral externalizar a respon-

⁷² OPORTO; GARCIA, *Comentário ao Antigo Testamento I*, p. 46.

⁷³ NISSA, S. G. de. *A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 297.

⁷⁴ LS. p. 17 [n. 14].

⁷⁵ LS. p. 45 [n. 66].

⁷⁶ REIMER, “Criação e Bíblia”, p. 128.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 129.

⁷⁸ SÃO BOAVENTURA. *Obras escolhidas*. Organização Luís Alberto de Boni. Tradução Luís A. de Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei Saturnino Schneider. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul, 1983, p. 48 [Cap. XI].

⁷⁹ TAVARES, S. S. *Teologia da criação: outro olhar — novas relações*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 139.

⁸⁰ PONTIFÍCIO Conselho “Justiça e Paz”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 260 [n. 461].

sabilidade e o Cuidado com o espaço-terra e com todas as suas vidas, reconhecendo em cada ser vivente a nova criação e seu valor diante do seu Criador.⁸¹

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin *et al.* São Paulo: Paulus, 2004.

AGOSTINHO, S. *Comentário ao Gênesis*. Tradução Frei Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

AQUINO, T. de. *Suma teológica*. Tradução Alexandre Corrêa. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, ²1980.

ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALLARINI, T. (Dir.). *Pentateuco. Introdução à Bíblia*. Vol. 1 e 2. Petrópolis: Vozes, 1975.

BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, 2006.

BOFF, L. *Saber Cuidar: ética do humano — compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, ¹⁰1999.

CARTA Encíclica do Sumo Pontífice Francisco. *Laudato Si' Louvado Sejas: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Ética: pessoa e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2011: texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

GALVÃO, A. M. *A crise da Ética. O neoliberalismo como causa da exclusão social*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GASS, I. B. "Espiritualidade e Ecologia". In: *Estudos Bíblicos – Bíblia e Juventude*, Petrópolis, Vozes, v. 28, n. 110, abr.-jun. 2011.

HUNT, E. K.; SHERMAN, H. J. *História do pensamento econômico*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.

MONDIN, B. *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1980.

MOSER, A. *O problema ecológico e suas implicações*. Petrópolis: Vozes, 1983.

⁸¹ LS. p. 47 [n. 69].

- NISSA, S. G. de. *A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese*. São Paulo: Paulus, 2011.
- NOGARE, P. D. *Humanismos e anti-Humanismo*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- OPORTO, S. G.; GARCIA, M. S. *Comentário ao Antigo Testamento I*. São Paulo: Ave Maria, 2002.
- PEÑA, J. L. R. La. *Criação, Graça, Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998.
- PONTIFÍCIO Conselho “Justiça e Paz”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). São Paulo: Paulinas, 2011.
- PRIMAVESI, A. *Do Apocalipse ao Gênesis: ecologia, feminismo e cristianismo*. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1996.
- RAD, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste Itargumim, 2006.
- REIMER, I. R. “Criação e Bíblia”. In: BEOZZO, J. O. et al. (Org.). *Curso de verão – Ano XX: Ecologia: Cuidar da vida e da integridade da criação*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 115-150.
- SÃO BOAVENTURA. *Obras escolhidas*. Organização Luís Alberto de Boni. Tradução Luís A. de Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei Saturnino Schneider. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul, 1983.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SILVA, M. F. da. *Trindade, criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009.
- TAVARES, S. S. *Teologia da criação: outro olhar – novas relações*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- ZILLES, U. *Teoria do Conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Luis Fernando Biasoli
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
Petrópolis
95070560 Caxias do Sul – RS
luisbiasoli@hotmail.com

Giorlando Laranjeira Barbosa
giorlandobarbosa@gmail.com